

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
1 de Julho de 2020  
A VIDA CONTINUA

## THE LAST PICTURE SHOW / 1971 A Última Sessão

*Um filme de Peter Bogdanovich*

*Argumento:* Larry McMurtry e Peter Bogdanovich, baseado no romance homónimo de McMurtry / *Director de fotografia (35 mm, preto & branco):* Robert Surtees / *Direcção artística:* Walter Scott Hendon / *Música:* diversas gravações de 1951, de Hank Williams, Bob Willis and His Texas Playboys, Eddy Arnold, Eddie Fisher, Phil Harris, Pee Wee King, Hank Snow, Tony Bennett, Lefty Frizzell, Frankie Laine, Johnny Ray, Johnny Standley, Kay Starr, Hank Thompson, Webb Price, Jo Stafford / *Montagem:* Donn Canbern / *Som:* Tom Overton / *Interpretação:* Timothy Bottoms (*Sonny*), Jeff Bridges (*Duane*), Cybill Shepherd (*Jacy*), Ben Johnson (*Sam*), Cloris Leachman (*Ruth*), Ellen Burstyn (*Lois, a mãe de Jacy*), Sam Bottoms (*Billy*) e outros.

*Produção:* Last Picture Show Productions, distribuído pela Warner Bros / *Cópia:* da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, versão original com legendas em português / *Duração:* 118 minutos / *Estreia Mundial:* Festival de Nova Iorque (Lincoln Center), 28 de Setembro de 1971 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Caleidoscópio), 24 de Janeiro de 1975. Primeira apresentação na Cinemateca a 17 de Fevereiro de 1998, no âmbito do ciclo "Actor's Studio".

\*\*\*\*\*

O filme contém trechos de **Father of the Bride** (Vincente Minelli, 1950) e de **Red River** (Howard Hawks, 1948).

*A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.*

\*\*\*\*\*

Já foi dito que Peter Bogdanovich sabe como fazer filmes mas não sabe por quê, uma observação particularmente injusta no que refere esta sua segunda e ambiciosa longa-metragem. O *engagement* do cineasta em relação a este filme foi de tal ordem que ele se casou com a atriz principal, remontou-o em 1990 para a sua difusão em disco laser, com o acréscimo de sete minutos não incluídos na montagem original, e realizou neste mesmo ano uma "sequela", **Texasville**, com os mesmos personagens, muitos anos depois. O seu prestígio como realizador assenta sobretudo neste filme, que denota uma grande paixão pelo cinema. De facto, Bogdanovich começou por ser um fervente cinéfilo ("*foi aluno da Escola de Cinéfilos de Nova Iorque*", como observou um crítico), passando depois a exercer a crítica, com especial interesse pelo período clássico, particularmente Hawks e Ford, a quem dedicou um importante livro e um filme. Um itinerário talvez mais próximo do dos realizadores europeus do que dos americanos, embora Bogdanovich seja um americano completo e explore a fundo as mitologias cinematográficas americanas.

Já no seu título **The Last Picture Show** é uma vibrante homenagem ao cinema, a dois níveis: a admiração e a citação, o luto pelo desaparecimento do cinema clássico e uma *mise en scène* que retoma e renova a linguagem deste cinema clássico, que o realizador tanto admira. É verdade que **The Last Picture Show** também ilustra a voga da "nostalgia", que marcava o cinema industrial americano do período em que foi feito (neste sentido, o uso do preto e branco é ao mesmo tempo uma opção estética e uma astúcia comercial), mas este aspecto decorativo é totalmente superado pela interiorização dos conflitos e dos dilemas dos personagens, que se sobrepõem à minúcia descritiva das roupas, dos carros e dos objetos de época. O filme é ao mesmo tempo estilizado e interiorizado e é por isto que resistiu à passagem do tempo. O realizador torna mais densa a evocação da época em que situa a sua história (muito precisamente 1951, numa pequena cidade texana) pela presença de numerosas canções, que evocam 1951 de modo muito mais exato do que qualquer adereço e sobretudo pelo uso da fotografia a preto e branco, que transporta o filme para 1951, que

funde este filme de 1971 com o cinema que se fazia em 1951 e ao mesmo tempo expõe a consciência de que os mitos deste cinema já não são os do presente. Esta convergência do luto por um tempo que jamais voltará e do vazio em que se movem os personagens imprime a **The Last Picture Show** o tom elegíaco que o caracteriza e faz, como observou à época Tom Milne, com que a sinistra cidadezinha texana "seja transformada pelo filme, do mesmo modo que as cruas realidades do velho Oeste foram transformadas pelos sonhos românticos de Ford, Hawks e dos grandes westerns".

De modo mais moderno do que clássico, **The Last Picture Show** tem uma estrutura circular: começa com um magnífico plano geral em que sobressai a fachada do único cinema (*picture show*) de Anarene (nome que evoca Abilene, cidade bem conhecida pelos apreciadores de *westerns*) e termina com o mesmo plano, com a diferença que entretanto o cinema fechou definitivamente as suas portas, transformando a cidade numa espécie de deserto, depois da morte de dois personagens e da partida de dois outros. Este primeiro plano, que mais parece uma fotografia de Robert Frank do que um plano de um clássico hollywoodiano, com as fachadas, o pó, o vento e o lento movimento da câmara que descobre a *main street*, este plano é *cinema*, com um peso, uma força e uma densidade evocatória que bastam-se a si mesmos. Bogdanovich não se contenta em lamentar a perda do cinema clássico, sabe a que ponto os mitos criados por este cinema tingiram a realidade. É por isto que certos aspectos do filme, que parecem derivados de momentos precisos do cinema clássico, estão perfeitamente integrados à trama narrativa, são desprovidos de qualquer futilidade: o personagem de Billy, que evoca o adolescente mudo de **Out of the Past**; a aula em que o professor discute Keats com um aluno, num eco a uma cena análoga em **Splendor in the Grass**; mesmo o baile em que uma orquestra toca *She'll be coming around the mountain*, ao modo dos bailes dos *westerns*, aqueles momentos em que se afirma a coesão, ainda que provisória, de uma pequena comunidade. Estes momentos não são citações de outros filmes, não são referências culturais: marcam ao mesmo tempo uma filiação e uma distância com o cinema clássico. Todo o arsenal de referências contido no filme é destinado a alimentar este duplo movimento. Por isto, a última sessão do cinema da cidade mostra **Red River**, um filme emblemático do mito do Oeste e em resposta a este mito Billy é atropelado por um camião que transporta vacas (Tom Milne: "Já não há mais vacas nas pradarias, como nos westerns, apenas em camiões").

**The Last Picture Show** é um filme sobre um vazio e sobre a perda. Vazio de uma cidade, perda da inocência, perda da adolescência, ruptura das amizades, perda do jovem amante pela mulher de meia-idade, morte, risco de morte para quem parte para a guerra (a Coreia para os personagens de 1951, o Vietname para os espectadores de 1971), perda do sonho com o encerramento do cinema, vazio que se fecha progressivamente sobre o protagonista, muito jovem mas já cheio de lembranças. Os filmes verdadeiramente belos não são simples aparatos de formas, também têm uma dimensão afetiva, emocional e por isto as chaves de **The Last Picture Show** não são apenas formais. Como observou o já citado Tom Milne, uma das chaves de **The Last Picture Show** é o momento em que a mãe de Lacy diz ao protagonista que ela era a jovem que, anos atrás, se banhava nua no lago em companhia de Sam: "I guess if it wasn't for Sam I'd just about missed it, whatever it is". E este *seja lá o que for* já foi entrevisto e vivido pelo jovem protagonista, embora ele também não saiba o que é. Talvez ele nunca venha a saber "o que é", mas sabe que é, "*seja lá o que for*" e que punge.

Antonio Rodrigues